

## CUIDAR E GUARDAR A CASA COMUM: UM OLHAR A PARTIR DE GN 2,15

Rosemary Francisca Neves Silva\*  
Guedds Sobrinho da Silva\*\*

### Resumo

*Pensando na realidade atual de destruição e violência contra a criação, o artigo propõe uma reflexão sobre o cuidado com a casa comum, a partir de Gn 2,15: “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar”. Esse homem não é um indivíduo, mas a coletividade, toda humanidade, que recebeu do Criador um grande presente que é o “Jardim”, uma terra fértil, que em contrapartida o ser humano deve guardar. Porém ao longo dos anos a espécie humana tem se distanciado da proposta inicial do zelo. A preocupação com o “dominar”, o ser “dono”, características próprias do neoliberalismo, está na contramão de Gn 2,15. O cuidado com a criação foi transformado em exploração dos recursos renováveis e não renováveis.*

**Palavras-chave:** Cultivar. Guardar. Cuidar. Violência. Gn 2,15.

### Abstract

*Thinking of the current reality of destruction and violence against the establishment, the article proposes a reflection on the care with the common house, from Gen 2:15: “Iahweh God took the man and put him in the garden of Eden to cultivate and save”. This man is not an individual, but the collective, all mankind, who received from the Creator a great gift that is the “Garden”, a fertile ground, which on the other hand the human being*

\* Mestre e Doutora em Ciências da Religião, Professora de Teologia nas Áreas e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião na PUC Goiás. Pesquisadora líder do Grupo de Pesquisa CNPq: Religião, Teologia e Sociedade e membro participante do Núcleo de Estudos Clássicos e Humanísticos da PUC Goiás (rosemarynf@gmail.com).

\*\* Filósofo, especialista em Gestão de Negócios, Gestão Financeira, Assessor da Pastoral Catequética e da Pastoral do Dizimo e membro pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq: Religião, Teologia e Sociedade (gueddssilva@gmail.com).

*must save. However over the years the human species has become detached from the original proposal of zeal. The concern with the “Master”, the “owner”, characteristics of neoliberalism, goes against the grain of Gn 2:15. The care with the creation was transformed into exploitation of renewable and non-renewable resources.*

**Keywords:** *Grow. Store. Handle. Violence. Gn 2:15.*

O artigo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre o cuidado que devemos ter com a casa comum, tendo em vista que foi e é uma temática proposta na *Laudato Si'* e que neste ano a Igreja Católica do Brasil propôs dar continuidade, por meio da Campanha da Fraternidade 2017: Com o lema: *Cultivar e guardar a criação* (Gn 2,15).

No que tange ao cuidado com a casa comum é plausível o questionamento sobre o consumismo, a destruição das matas, a não preocupação com a sustentabilidade, enfim o desperdício que acaba gerando a destruição do próprio homem e o não cumprimento do que é proposto desde o início da criação: cultivar e guardar, narrado em Gn 2,15.

Neste sentido, entendemos que se faz necessária uma leitura de Gn 2,15 pautada nas afirmações da *Laudato Si'* para que toda criação encontre meios para vivenciar no cotidiano o cuidado no cultivar e guardar a casa comum e a própria vida humana, um dom que deve ser protegido das várias formas de degradação. Tal pretensão de cuidado da vida, em todos os sentidos, requer do ser humano uma mudança nos estilos de vida, nos modelos de produção, de consumo e nas estruturas de poder que regem a sociedade.

### **Compreendendo o texto bíblico de Gn 2,15**

“Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2,15).

No início do versículo há uma passagem que diz que: *Deus tomou o homem*. Esta afirmação, Segundo Lages (2013), expressa a missão do ser humano, que é chamado por Deus, desde a sua criação. Neste caso, cuidar de toda a casa comum, como bem afirma Boff (2011), faz parte da missão do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-28).

Dentre os domínios que Deus delegou ao homem, quais sejam, os céus, a terra e os mares, o mais importante é o domínio da terra. Deus delega autoridade aos seres humanos para governar a terra e suas criaturas. Deus deu a terra ao homem para que ele a dominasse, ou seja, exercesse autoridade e poder sobre ela. A terra foi dada ao homem para que ele fosse seu cuidador,

mordomo, administrador, para que a raça humana tivesse condições de sobreviver, procriar, enfim, perpetuar-se (GOMES, 2012, p. 2).

A atribuição dada ao homem para que ele desenvolva o cuidado com a terra é a de ser um administrador, um cuidador e não um dominador. Neste sentido, cuidar

não diz respeito só à história dum homem, mas à humanidade inteira, como indica o termo ‘Adão’, que significa Homem; segundo a mentalidade semítica, o ancestral dum raça traz em si a coletividade ‘saída de seus rins’, nele se exprime, realmente todos os descendentes: estes lhe estão incorporados; é o que se pode chamar uma ‘personalidade corporativa’ (LÉON-DUFOUR, 2009, p. 405).

Todo ser humano é chamado para desenvolver uma missão específica, de cuidador da casa comum, e esta herança é transferida às gerações vindouras. O homem é um ser vocacionado para a missão de cultivar e de guardar. Portanto, se alguém deixa de cuidar, é toda a humanidade que está deixando de assumir esta missão, à qual cada pessoa recebeu desde o seu nascimento. Isto porque,

...a formação do ser humano, *Adam*, a partir da terra agricultável; o plantio de um jardim no Éden, com todas as árvores frutíferas, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal; a colocação do homem nesse jardim para cultivá-lo e guardá-lo, com a ordem de comer de toda árvore do jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal, para que não morresse (2,4b-17) (PORTES, 2006, p. 3).

Ao lhe colocar no *jardim de Éden*, Deus chama o homem e dá-lhe uma missão: *cultivar e guardar*. Há nessa relação uma troca entre ele e a terra. Este a cultiva, pois é o meio de sua sobrevivência, com a incumbência de ter zelo pelo que lhe foi confiado. “Isso mostra que Deus criou o homem para desfrutar da terra” (GOMES, 2012, p. 3). Cultivar não é o mesmo que dominar, destruir, e sim viver em harmonia no paraíso.

O *jardim de Éden* não era uma delícia e sim um lugar que precisava do trabalho humano para que pudesse colher seus frutos. Kaefér (2013) afirma que nesse versículo aparece um Deus mais próximo de sua criação e que se assemelha com o modo de trabalhar do homem camponês, que cuida da “roça”. “A vida neste Jardim implica o trabalho (Gn 2,15)” (LÉON-DUFOUR, 2009, p. 715). No princípio da criação o cultivar é pautado na liberdade e na responsabilidade de guardar. Esta ação é o não destruir, pois toda a criação é um ato de amor de Deus. Neste sentido, compete à humanidade, em retribuição a esse amor e tudo o que a ele foi confiado, aceitar a missão de cultivar e guardar (REIMER, 2010).

O termo *guardar* pode ser interpretado como cuidar. O cuidado tem um caráter de reciprocidade de Deus para com o homem.

O “cultivar” implica necessariamente intervenção sobre o meio ambiente natural, produzindo ou tirando dele os elementos para suprir as necessidades e os desejos dos homens. Em hebraico o verbo traduzido por “cultivar” (*abad*) expressa a dimensão de “trabalho árduo”, expressando por necessária e penosa intervenção no ambiente. O “guardar” em (hebraico: *shamar*) é um exercício de responsabilidade e cuidado (REIMER, 2011, p. 12).

Do ponto de vista da espiritualidade: “Viver a vocação de guardiães, cuidadores da criação de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa” (Laudato Sí, 2015, p. 217). Contudo, o panorama no cenário político-econômico, na atualidade, está muito fundamentado no consumismo e na produção em larga escala, que gera a destruição, substituindo a vocação de *cultivar e guardar* pela lógica de explorar e de usufruir.

## 2. Panorama geral da vivência do cuidado com a criação

A lógica neoliberal está na contramão de Gn 2,15. O cuidado com a criação foi transformado em exploração dos recursos renováveis e não renováveis. “Se olharmos à nossa volta, damo-nos conta do desequilíbrio que tomou conta do Sistema Terra e do Sistema Sociedade. Há um mal-estar cultural generalizado com a sensação de que imponderáveis catástrofes poderão acontecer a qualquer momento” (BOFF, 2013, p. 17). A criatura, não vê mais com os olhos do Criador, que tudo o que foi criado é “muito bom” (Gn 1,31). A humanidade está sendo expulsa da sua própria casa, privando-se de ar puro, de água limpa, de frutos saudáveis, de terra fértil e etc.

Os biomas brasileiros já estão em um estágio de destruição bastante avançado. Retiram-se as plantas nativas para a implantação de monoculturas. Este processo extingue variedades de plantas e de espécies de animais. Também expulsa de suas terras os pobres, os povos indígenas, seringueiros, quebradeiras de coco, nativistas, ribeirinhos, pequenos produtores rurais e etc. Este sistema injusto destoa de Gn 3,29, que nos relata que Deus disse: “Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso será vosso alimento”.

A produção em larga escala de sementes e de produtos transgênicos é o aprimoramento do mecanicismo. Neste processo,

a natureza é tão só extensão e movimento; é passiva, eterna e reversível, mecanismo cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis; não tem qualquer outra qualidade ou dignidade que nos impeça de desvendar os seus mistérios, desvendamento que não é contemplativo, mas antes ativo, já que visa conhecer a natureza para a dominar e controlar (SANTOS, 2000, p. 62-63).

O agronegócio é o principal responsável pela devastação e dizimação dos ecossistemas brasileiros. Investiu-se muito em pesquisas, maquinários e produtos resistentes a pragas. Esta é uma das formas de aplicação das leis científicas *versus* leis da natureza. O homem passou a ser o dominador e não um ser de relação, parte da natureza. Dentro desta égide o desequilíbrio ecológico e econômico tem gerado desigualdades sociais e muita poluição, pobreza e catástrofes naturais.

Reforçamos este argumento com as palavras do Papa Francisco, que acrescenta que

existem formas de poluição que afetam diariamente as pessoas. A exposição aos poluentes atmosféricos produz uma vasta gama de efeitos sobre a saúde, particularmente dos mais pobres, e provoca milhões de mortes prematuras. Adoecem, por exemplo, por causa da inalação de elevadas quantidades de fumaça produzida pelos combustíveis utilizados para cozinhar ou aquecer-se. A isto vem juntar-se a poluição que afeta a todos, causada pelo transporte, pela fumaça da indústria, pelas descargas de substâncias que contribuem para a acidificação do solo e da água, pelos fertilizantes, inseticidas, fungicidas, pesticidas, e agrotóxicos em geral. Na realidade, a tecnologia, que liga à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros (*Laudato Si'*, p. 20).

O princípio de uma vida justa nasce do respeito aos “direitos básicos da vida. Este princípio exige uma atitude fundamental: reconhecer que todos os seres humanos nascem metafisicamente iguais” (PEGORARO, 1995, p. 105). Neste sentido compete a cada um de nós saber cuidar do ambiente onde estamos inseridos.

O indivíduo necessita ter em mente que “a natureza nos deu direito igual à vida, à educação da vida, à vida saudável, à participação na vida política, à distribuição dos bens materiais e culturais que alimentam a vida. Estes direitos não se conquistam; são dados pelo nascimento” (PEGORARO, 1995, p. 105).

O descaso com o meio ambiente é também um desrespeito com a nossa própria existência. Diante desta situação criamos uma ética relativa, onde tudo pode ser descartado, inclusive as pessoas. Dentro deste viés, o respeito não é funcional para o mundo da economia que, criando um mundo de coisas que podem ser substituídas por modelos mais avançados, produz, continuamente, “um mundo a ser jogado fora” (GALIMBERTI, 2004, p. 73).

a interioridade e a espiritualidade são menosprezadas e, com elas, tudo aquilo que diga respeito à valorização de si mesmo, como um ser vocacionado para algo mais que um simples transitar pelo mundo, movido somente pelo objetivo de desfrutar de todos os bens materiais que este possa lhe proporcionar (HRYNIEWICZ, 2001, p. 24).

O sistema neoliberal descarta toda a mística do existir das coisas. A natureza e as pessoas servem enquanto são úteis para algum processo de produção e de consumo. Neste modelo econômico há uma coisificação dos elementos naturais e das pessoas. Criam-se periferias, com guetos e bolsões de pobreza. São desconsideradas as relações do ser humano com a natureza (RIGACCI JUNIOR, 2005).

A estória abaixo faz uma excelente analogia entre a ideia de dominar e querer inverter a lógica natural das coisas.

Há a história dos dois ursos que caíram numa armadilha e foram levados para um circo. Um deles, com certeza mais inteligente que o outro, aprendeu logo a se equilibrar na bola e a andar no monociclo, o seu retrato começou a aparecer em cartazes e todo o mundo batia palmas: “Como é inteligente”. O outro, burro, ficava amuado num canto, e, por mais que o treinador fizesse promessas e ameaças, não dava sinais de entender. Chamaram o psicólogo do circo e o diagnóstico veio rápido: “É inútil insistir. O QI é muito baixo...”

Ficou abandonado num canto, sem retratos e sem aplausos, urso burro, sem serventia... O tempo passou. Veio a crise econômica e o circo foi à falência. Concluíram que a coisa mais caridosa que se poderia fazer aos animais era devolvê-los às florestas de onde haviam sido tirados. E, assim, os dois ursos fizeram a longa viagem de volta.

Estranho que em meio à viagem o urso tido por burro parece ter acordado da letargia, como se ele estivesse reconhecendo lugares velhos, odores familiares, enquanto que seu amigo de QI alto brincava tristemente com a bola, último presente. Finalmente, chegaram e foram soltos. O urso burro sorriu, com aquele sorriso que os ursos entendem, deu um urro de prazer e abraçou aquele mundo lindo de que nunca se esquecera. O urso inteligente subiu na sua bola e começou o número que sabia tão bem. Era só o que sabia fazer. Foi então que ele entendeu, em meio às memórias de gritos de crianças, cheiro de pipoca, música de banda, saltos de trapezistas e peixes mortos servidos na boca, que há uma inteligência que é boa pra circo. O problema é que ela não presta para viver. Para exibir sua inteligência ele tivera de se esquecer de muitas coisas. E este esquecimento seria sua morte. Podemos perguntar se o desenvolvimento da inteligência não se dá sempre à custa de coisas que devem ser esquecidas, abandonadas, deixadas atrás... (ALVES, 1985, p. 12-13).

A atual crise ecológica tem se tornado um espetáculo danoso para a continuidade da existência da vida no Planeta Terra. Em nome da “inteligência” e da “técnica” o sistema político e econômico tem levado milhares de seres humanos ao esquecimento e à morte. O Projeto de Deus para o homem foi distorcido em prol de um sistema de utilidades. Se a “coisa” não atende a uma lógica de consumo é descartada.

O Planeta entregue a nós para ser cuidado está sendo destruído em nome do progresso. Há um espetáculo de massificação e de exclusão de biomas, de ecossistemas, da fauna e da flora. O espetáculo, prometido pelo novo sistema de produção em larga escala, alimenta massivamente a população mundial, os indivíduos vocacionados a cultivar e guardar, a buscarem os frutos “da árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2,17b), levando-os ao esquecimento das promessas de Iahweh, de que “no dia em que dela comeres terás que morrer” (Gn 2,17c). Homens e mulheres são expulsos de seus lugares em nome do progresso, levando milhares de pessoas ao esquecimento e à morte, à exclusão social e à privação dos bens básicos para viver.

### 3. Considerações finais

Compreendemos então que a aliança entre a humanidade e o meio ambiente é um dos objetivos da educação ecológica e se traduz em novos hábitos. A *Laudato Si'* (2015) propõe mudanças nos estilos de vida, quebrando a lógica da violência, da exploração e do egoísmo e retornando à proposta inicial de Gn 2,15 da preocupação com o *cultivar e guardar* toda criação.

Contudo, o cuidado integral com a criação, a casa comum, precisa antes de tudo partir da humanidade. Cada indivíduo precisa mudar, para ter uma terra fértil, com o propósito de *cultivar e guardar* (Gn 2,15). Neste sentido, o ser humano é convidado a retomar a proposta inicial à qual ele é vocacionado desde o início, de ser cuidador, guardião não só do Jardim do Éden, mas de toda a criação, quebrando assim com a lógica do consumismo, da violência e da destruição deste “Jardim” que foi confiado ao ser humano por Deus.

Rosemary Francisca Neves Silva  
rosemarynf@gmail.com

Guedds Sobrinho da Silva  
gueddssilva@gmail.com

### Referências bibliográficas

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

ALVES, Rubem Azevedo. *Estórias de quem gosta de ensinar*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2017: Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida: Texto Base*. Brasília: CNBB, 2017.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Carta Encíclica do Sumo Pontífice. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

- GALIMBERTI, Umberto. *Os vícios capitais e os novos vícios*. São Paulo: Paulus, 2004.
- GOMES, Alessandro Martins. A relação entre Deus, Terra e o Homem. *Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST*. V. 1, p. 1539-1554. São Leopoldo, 2012.
- HRYNIEWICZ, Severo. *Para filosofar hoje: introdução e história da Filosofia*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2001.
- KAEFER, José Ademar. Bíblia e sustentabilidade: fazendo caminho. *Revista Caminhando*, v. 18, n. 2, Jun/Dez, p. 07-19, 2013.
- LAGES, José Antônio Correa. Como superar a contradição entre crescimento e cuidado encontrado no livro de Gênesis. *Revista Caminhando*, v. 18, n. 2, Jun/Dez, p. 45-54, 2013.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- PEGORARO, Olinto Antônio. *Ética é Justiça*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PORTES, Paulo de Lima. Gênesis 2-3 seu avesso: uma abordagem antropológica. *Oracula*. São Bernardo do Campo, v. 2, n. 3, p. 01-14, 2006.
- REIMER, Haroldo. *Bíblia e ecologia*. São Paulo: Reflexão, 2010.
- \_\_\_\_\_. Criação e cuidado: perspectivas bíblicas. *Atualidades Teológicas*. Ano 15, n. 37, Janeiro a abril, p. 11-26, 2011.
- RIGACCI JUNIOR, Germano. A experiência religiosa e o encontro humano: um olhar filosófico. In: AMATUZZI, Mauro Martins (org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 49-58.
- SANTOS, Boaventura Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício de experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.